

O CONSERVADORISMO E A OPRESSÃO À MULHER EM MEDUSA (2021)

MARIA EDUARDA DA COSTA LEITE¹; CAMILA MÜLLER NUÑES²; HENRIQUE MENDES GOMES³; IZADORA LAFORET PADILHA⁴; LUÍSY PACHECO CORREIA⁵; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – mariaeduardadacostaleite9@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - cami0muller@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - henrigomes760@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - izapadilha.rodrigues@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – pachecoluisy@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido surge a partir de uma proposta da disciplina Cinema Contemporâneo, ministrada pelo professor Roberto Cotta, no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Com base nas aulas, o grupo escolheu como objeto de análise o filme *Medusa* (2021), uma das produções de longa-metragem da cineasta brasileira Anita Rocha da Silveira. Na obra, a diretora apresenta um futuro próximo, marcado por uma ideologia teocrática evangélica fundamentalista, que influencia a vida de uma cidade inteira. Nesse contexto, a igreja assume o controle do município, estabelecendo regras e leis pautadas em dogmas regressistas.

O filme centra-se no grupo Preciosas do Altar, composto por mulheres da comunidade que seguem os preceitos da igreja e perseguem outras mulheres consideradas “pecadoras”. Essa perseguição se configura como uma espécie de caça às bruxas contemporânea: as vítimas são agredidas até se renderem ao cristianismo e têm seus testemunhos forçados gravados, transformando a violência em espetáculo.

O presente trabalho se dedica a analisar a representação do conservadorismo religioso e social em *Medusa*, investigando como normas de gênero, pressões estéticas e ideologias moralistas são construídas e disseminadas dentro da narrativa. A pesquisa busca compreender como o filme evidencia a opressão feminina, a manipulação das massas e a reprodução de valores conservadores, propondo uma reflexão sobre o impacto dessas representações na sociedade contemporânea.

2. METODOLOGIA

De acordo com VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ (1994), a análise de produções cinematográficas permite identificar normas, hierarquias e padrões sociais transmitidos por meio de elementos narrativos e estéticos. Com base nessa perspectiva, os cinco autores deste resumo expandido assistiram ao filme individualmente e, a partir de seus conhecimentos prévios, construíram uma reflexão coletiva sobre a relevância da obra para o debate sobre misoginia e manipulação das massas por meio da religião, questões recorrentes na história brasileira.

Posteriormente, foram realizadas pesquisas complementares sobre o tema, revisitadas referências históricas do país e discutidas problemáticas

contemporâneas. Esse processo ampliou o repertório do grupo e subsidiou a elaboração da presente análise.

Além da análise do filme e da pesquisa bibliográfica, o grupo realizou encontros periódicos para discutir as interpretações individuais e construir uma análise coletiva. Nesses encontros, foram comparadas percepções sobre personagens, cenários e elementos narrativos, permitindo identificar padrões de representação do conservadorismo, da misoginia e das hierarquias de gênero, consolidando a compreensão do filme como objeto de estudo (OKSALA, 2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em um mundo semelhante ao nosso, no qual a aparência feminina é altamente valorizada, especialmente em comunidades religiosas, o longa evidencia essa obsessão estética por meio da personagem Michele, interpretada por Lara Tremouroux, líder da gangue de devotas e influenciadora digital voltada para mulheres teístas. Em sua página, Michele atua como *tradwife* (esposa tradicional), oferecendo orientações sobre como se comportar como uma mulher “bela, recatada e do lar”, desde “como tirar uma selfie abençoada” até maneiras de disfarçar hematomas com maquiagem. Influenciadoras como Michele são comuns nas redes sociais, propagando ideologias conservadoras que mobilizam tanto mulheres que compartilham dessa visão quanto homens que sustentam discursos opressores. Para MACHADO (2024), é possível observar que, nos ambientes online contemporâneos, mulheres de tendências conservadoras, religiosas e de direita, estão cada vez mais expondo suas vidas privadas, assumindo posições de influência e visibilidade significativas nas redes sociais.

As *tradwives* ou esposas tradicionais. Mulheres que se projetam compartilhando sua rotina doméstica com os filhos, o marido e a casa, defendendo a fixação dos papéis sociais e o posicionamento do homem como o provedor da família e da mulher como a sua cuidadora. (PRADO; SIMÕES, 2024, p. 2)

A protagonista Mariana, interpretada pela atriz Mari Oliveira, é uma mulher negra e sofre uma pressão estética marcada por um forte componente racial. As primeiras ondas do feminismo não incluíram, e algumas vertentes ainda não incluem, mulheres negras em suas pautas, o que contribuiu para sua invisibilidade e exclusão no contexto social. Além disso, grupos religiosos e extremistas ainda exercem grande influência, intensificando a opressão dupla enfrentada por essas mulheres. Um exemplo significativo no longa-metragem ocorre quando Mariana deixa de alisar o cabelo, gesto que se configura como um marco de sua libertação e como símbolo da pressão estética destinada a apagar identidades e raízes.

De acordo com Cida Bento (2022) “um nacionalismo antidemocrático tem como base o supremacismo branco e o conservadorismo social e religioso” (p. 54). Essa é uma indicação direta, de que, os conteúdos de domesticidade (cuidados com a casa), beleza (modéstia e feminilidade) e família (submissão ao marido e cuidado com os filhos) relacionam os ideais conservadores e religiosos em embalagens bonitas e fáceis para o consumo em redes sociais, ou seja, a branquitude é um elemento de extrema importância para aglutinar esses valores religiosos, conservadores de extrema-direita. (MACHADO, 2024, p. 4)

Ao longo da trama, observam-se mudanças significativas. Com o abandono das vaidades impostas pelas crenças do grupo, Mariana inicia um processo de libertação. Esse movimento é apresentado como cíclico, uma vez que, historicamente, mulheres foram perseguidas, silenciadas e subjugadas por dogmas e instituições que as rotulavam como pecadoras. Reerguer-se enquanto comunidade, lutando por igualdade de gênero e respeito mútuo, tornou-se uma constante. Nesse sentido, reforça-se o pensamento de OKSALA (2019), que traça um panorama da falsa liberdade feminina dentro de um sistema neoliberal. Segundo a autora, as mulheres vivem, no neoliberalismo, a ilusão da livre escolha, quando, na realidade, suas opções estão condicionadas por relações de poder desiguais, que restringem suas possibilidades e consolidam o sistema, tornando difícil a emancipação de seus pensamentos.

Esse processo também se manifesta em Michele, que se desprende do ideal de feminilidade que cultivava, limitado, modesto e recatado. A narrativa progride como um efeito dominó, em que cada evento provoca transformações não lineares culminando na cena final. Todas as mulheres do grupo correm e gritam dentro da igreja, em um gesto simbólico de ruptura com a seita criada por homens violentos, que atuavam com misoginia sem qualquer constrangimento. O epílogo dá voz às mulheres, que finalmente se libertam de um ambiente hostil, abandonam a busca por aceitação e reafirmam sua autonomia.

4. CONCLUSÕES

O filme *Medusa* evidencia a misoginia presente em determinadas igrejas evangélicas e mostra como mulheres, dentro dessas instituições, tornam-se vítimas de um sistema patriarcal. Contudo, muitas vezes, acabam também assumindo o papel de algozes de outras mulheres. Segundo a diretora, a inspiração para o filme surgiu de casos reais de agressões entre mulheres, nos quais o objetivo não era apenas humilhar, excluir ou difamar, mas atacar esteticamente.

O mito grego da Medusa também serviu como referência importante. Na mitologia, Medusa, sacerdotisa do templo de Atena, é punida pela deusa após ser violentada por Poseidon. Em vez de punir o agressor, Atena transforma Medusa em um monstro, atribuindo-lhe a culpa e o castigo, um reflexo claro da culpabilização da vítima, fenômeno ainda presente em nossa sociedade.

Conclui-se que as violências retratadas, tanto no longa-metragem quanto no mito grego, culminam em punições que visam humilhar e desvalorizar a aparência feminina. Na contemporaneidade, a influência dos padrões de beleza se intensifica, especialmente devido à facilidade de propagação proporcionada pelas redes sociais. Ideais de beleza e sucesso impactam a autoimagem e a autoestima das mulheres, enquanto o consumo das redes sociais constrói e reconstrói identidades femininas por meio de algoritmos, expondo-as a um ambiente constantemente mutável.

Dessa forma, *Medusa* ressalta a complexidade das relações de poder, gênero e aparência, revelando como ideais conservadores e religiosos moldam comportamentos, impondo normas sociais e estéticas que limitam a autonomia feminina. O filme, portanto, não apenas denuncia essas estruturas, mas também propõe uma reflexão crítica sobre os mecanismos de opressão e sobre as possibilidades de resistência e libertação das mulheres frente a contextos hostis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KONRAD, M. MEDUSA E A QUESTÃO DE GÊNERO OU A PUNIÇÃO POR SER MULHER. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**. Fortaleza, n. 25, pp. 1-13, 2017

MACHADO, N. Feminilidade e branquitude: Uma análise da tendência “tradwife” no tiktok. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. São Paulo, p.1-6, 2024.

OKSALA, J. O sujeito neoliberal do feminismo. In: RAGO, Margareth; PELEGRINI, Mauricio (orgs.). **Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas: perspectivas foucaultianas**. São Paulo: Intermeios, 2019. pp.115-138.

PRADO, D; SIMÕES, P. CAPITAL DE VISIBILIDADE E MOVIMENTO TRADWIFE: disputas de gênero nos processos de celebração. **GT Comunicação e Sociabilidade. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR)**. Curitiba, pp.1-23, 2024.

PROENZA, A. Esposas tradicionais: As redes sociais colocam em moda o ideal da mulher do fascismo. **El Sato**. Madrid, 2024.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LETE, Anne. Ensaio sobre a análise filmica. Campinas - Sp: Papyrus, 1994. (OFICIO DE ARTE E FORMA)